

Caracterização fitogeográfica da região de assentamento das reduções jesuítico-guaranis estabelecidas no atual território do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (século XVII).

Samuel Cristiano Welter¹

Resumo: A definição dos locais de instalação das reduções jesuíticas se dava a partir de diretrizes, dentre as quais estava a avaliação das condições ambientais da região, com atenção especial para vegetação e o relevo. Os padres tinham consciência de que o ambiente natural interferia na manutenção das populações indígenas que viriam a ser assentadas nas reduções, tanto pela existência de abundantes recursos de subsistência, quanto de plantas medicinais para o controle das doenças. Este artigo tem como objetivo apresentar e caracterizar o meio físico que circundava as reduções, com destaque para as regiões fitogeográficas que caracterizavam a região em que elas se estabeleceram no atual Rio Grande do Sul. Optou-se pela sobreposição de mapas históricos a mapas de vegetação das respectivas regiões de instalação dos povoados, do que resultou um só mapa, no qual constata-se que os padres optaram por determinadas regiões, nas quais encontravam à disposição determinados recursos naturais.

Palavras chave: Guaranis. Reduções jesuíticas. Regiões Fitogeográficas.

Introdução

“O fato de estar fazendo quase trinta anos que, sem deixar-me desviar a outro encargo qualquer, minha ocupação tenha sido o ensino catequético e sua conversão a nossa fé, coroando meu desejo trabalhos e os mais comuns perigos de morte [...], e **por assim dizer no deserto, em busca de feras, de índios bárbaros, atravessando campos e transpondo selvas ou montes** em sua busca para agregá-los ao aprisco da Santa Igreja.” (MONTROYA, 1997, p. 18). (grifos nossos).

¹ Graduando do Curso de Ciências Biológicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista de iniciação científica – CNPq, vinculado ao projeto “*Medicina e Missão na América Meridional: Epidemias, saberes e práticas de cura*”, coordenado pela Professora Doutora Eliane Cristina D. Fleck. Email para correspondência: scwelter@gmail.com

No início da catequese dos gentios, os jesuítas se depararam com diversos obstáculos, causados, muitas vezes, pela resistência oferecida pelos próprios indígenas², ou pelas condições ambientais adversas encontradas, e que eram agravadas pela carência de água potável, de alimentos e, principalmente, de medicamentos para o controle das epidemias, freqüentemente disseminadas naquele meio. Mesmo diante dessas privações, os padres jesuítas conseguiram reunir os índios em reduções³ que, além de facilitar a cristianização pretendida pelos missionários, proporcionava maior segurança aos indígenas, já que os defendiam dos ataques de tribos indígenas inimigas, dos escravagistas espanhóis e dos bandeirantes portugueses. (BRUXEL, 1987; MONTOYA, 1997)

A instalação e, especialmente, a permanência nas reduções exigia a observância de uma série de regras comportamentais e morais pelos indígenas, que, se seguidas⁴, aumentavam as chances de êxito da missão. As diretrizes que deveriam ser observadas pelos índios concentrados em povoados se baseavam na experiência prévia de alguns renomados missionários da Companhia de Jesus em outras regiões da América. Elas, em grande medida, previam a garantia da continuidade do projeto reducional, com a instalação dos povoados em regiões que favorecem a introdução de atividades econômico-produtivas como a agricultura e a pecuária, tendo em vista a garantia dos alimentos para sua população. (BRUXEL, 1987).

A escolha dos locais de instalação das reduções era baseada numa avaliação das condições do relevo e do clima, já que os missionários tinham consciência de que os fatores climáticos interfeririam nas plantações e podiam determinar a maior ou menor exposição a determinadas doenças. (OLIVEIRA, 2009). Muitas vezes, as áreas mais propícias para sua instalação foram indicadas pelos próprios indígenas que

² Neste trabalho, nos deteremos na catequese dos indígenas guaranis. Sabe-se que os jesuítas tentaram se estabelecer junto a diversas tribos indígenas, porém, os guaranis foram os que se revelaram os mais receptivos ao projeto que previa a vida em sociedade. Vale lembrar que os guaranis eram índios semi-sedentários, ou seja, permaneciam em um mesmo local por um período de tempo, geralmente, de seis a sete anos, além de serem caçadores, pescadores e agricultores – cultivando uma série de plantas para o consumo. (BRUXEL, 1987).

³ . Segundo o padre jesuíta Antônio Ruiz de Montoya, a redução consistia em reunir em grandes povoações os índios que antes viviam em pequenas tribos, espalhadas pelas selvas, campos e serras. Esta definição tem sido considerada, por muitos historiadores, como a melhor definição para o termo redução.

⁴ Nem sempre estas diretrizes puderam ser obedecidas, pois, especialmente, no período de implantação do projeto reducional, os padres, temerosos das reações dos indígenas, optaram por instalar as reduções nos locais indicados pelos caciques, mesmo que as condições ambientais não fossem tão favoráveis. (BRUXEL, 1987).

conheciam melhor a região. Cabe lembrar que os guaranis ocupavam, preferencialmente, as florestas subtropicais do Alto Paraná, do Paraguai e do Uruguai Médio, além de seus principais afluentes. (MELIÁ, 1991).

Arnaldo Bruxel destaca, em sua obra, uma afirmação feita pelo Padre Cardiel⁵, que descreve as condições ideais para instalação de uma redução:

“[...] deve medir, no mínimo, cem hectares de terreno plano, algo elevado e aberto para o sul, donde sopram os ventos refrescantes; estejam providos de muitas e boas águas para beber e cozinhar; possuam exuberantes matos para lenha e madeira de construção; situe-se longe dos pântanos, por causa da neblina, mosquitos, sapos e cobras.” (BRUXEL, 1987, p. 13).

Considerando estes condicionantes para o êxito das reduções, este artigo tem como objetivo apresentar e caracterizar o meio físico circundante às reduções, com destaque para as regiões fitogeográficas⁶ que caracterizavam a região em que elas se estabeleceram no atual Estado do Rio Grande do Sul, que se inseria na então Província Jesuítica do Paraguai⁷. Apresentamos, inicialmente, um panorama geral da distribuição dos povoados, além de abordar de maneira particular, algumas das reduções. Dada a contínua influência exercida pelo meio biótico, principalmente pelas plantas⁸, que eram utilizadas tanto na alimentação e como medicamento, quanto na construção civil, optou-se por caracterizar cada região fitogeográfica – apresentando algumas espécies vegetais típicas –, a fim de identificar quais espécies, possivelmente, teriam sido utilizadas por estes povos.

Para execução deste propósito, optou-se pelo mapeamento, através da sobreposição de mapas históricos referentes à distribuição das missões jesuíticas no

⁵ Padre jesuíta, nascido na Espanha, em 1704, e enviado à América em 1731. Realizou inúmeras expedições pela região da América meridional, observando e registrando suas características ecológicas, geográficas e sociais.

⁶ Entende-se por região fitogeográfica, uma unidade de vegetação que possui características próprias, regidas pelos fatores ambientais locais, podendo ser distinguidas tanto pelas suas características fisionômicas, quanto pela composição de espécies.

⁷ A Província Jesuítica do Paraguai foi criada em 1607 e englobava um território vasto na América Meridional, que, atualmente, corresponde a algumas regiões do território do Brasil, Uruguai, Paraguai, Argentina e Bolívia. Porém, neste trabalho, nos deteremos nas fundações estabelecidas no Estado do Rio Grande do Sul. Sabe-se que no próprio Brasil, o território de estabelecimento das missões jesuíticas guaranis era vasto, abarcando os atuais territórios do Estado do Paraná, conhecido com Província do Guairá, e o Estado do Mato Grosso do Sul, conhecido como Província do Itatim.

⁸ A fauna característica das regiões de instalação das reduções também deve ser considerada, no entanto, neste artigo, considerou-se mais importante abordar a flora, partindo da premissa de que a vegetação local vai condicionar uma fauna própria, ou seja, uma região florestal subtropical vai abrigar determinados animais, que, possivelmente, não serão encontrados em uma região de campo (estepe), sendo assim, identificando os componentes da flora, pode-se inferir a fauna que estará associada.

Rio Grande do Sul (MAEDER, 1995) a mapas de vegetação, relevo e hidrografia da mesma região, publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desse cotejo, resultou um novo mapa, que concilia dados históricos e dados biológicos. (figura 1).

A distribuição geográfica das reduções jesuítico-guaranis em 1635:

Quando observamos os mapas históricos de estabelecimento dos povoados jesuíticos, que nos fornecem – mesmo que aproximadas – uma série de informações a respeito das regiões, podemos constatar que a ocupação não se deu de maneira aleatória, e, ainda, que estas reduções não se fixaram muito distantes umas das outras. Pelo contrário, muitas delas observaram a orientação de que a distância entre elas não deveria ser maior do que quinze quilômetros, a fim de facilitar a comunicação entre elas e assegurar o abastecimento e a defesa em caso de ataque. Portanto, estas reduções apresentavam condições de assentamento muito semelhantes em termos de relevo, vegetação e hidrografia, constituindo diversos núcleos⁹ de distribuição na metade norte do Estado, mais especificamente, na Região Norte, Noroeste e Centro-oeste. (Tabela 1).

<i>Redução</i>	<i>Fundação</i>	<i>Rio próximo</i>	<i>Região do Estado</i>
Apóstolos Pedro e Paulo	1632	Rio Jacuí-mirim	Norte
Jesus Maria de Ibiticaray	1633	Rio Pardo	Central
Mártires de Caaró	1628	Rio Ijuí	Noroeste
Natividade	-	Rio Jacuí	Central
Nossa Senhora da Candelária	1627	Rio Ijuí	Noroeste
Santa Ana de Igaí	1633	Rio Jacuí	Central
Santa Tereza do Curití	1633	Rio Passo Fundo	Norte
Santo Tomé de Ibití	1632	Rio Jaguari	Centro-oeste
São Carlos de Caapí	1631	Rio da Várzea	Norte
São Cosme e Damião de Ibitimirí	1634	Rio Ibicuí-mirim	Centro-oeste
São Cristóvão	1634	Rio Pardo	Central
São Francisco Xavier*	1629	Rio Piratini	Noroeste
São Joaquim	1633	Rio Pardo	Central
São José	1633	Rio Ibicuí-mirim	Centro-oeste
São Miguel	1632	Rio Ibicuí-mirim	Centro-oeste
São Nicolau do Piratini	1626	Rios Piratini e Ijuí	Noroeste

⁹ Ao analisarmos os mapas de distribuição das reduções jesuítico-guaranis, é possível identificar que houve certa concentração, por motivos já abordados no texto. A fim de facilitar a caracterização dos assentamentos, optou-se por classificar as reduções de acordo com o núcleo, ou seja, a região do Estado do Rio Grande do Sul, em que se encontravam na época.

Tabela 1 – Lista das reduções jesuítico-guaranis que se estabeleceram no Estado do Rio Grande do Sul - Brasil, até o ano de 1635 (MAEDER, 1995), com a indicação da respectiva região de instalação e o rio(s) mais próximo(s).

* *Localização incerta*

Já o mapa de distribuição das reduções jesuíticas, no que se refere à vegetação, possibilita-nos levantar uma série de questões e conclusões, que serão abordadas nos parágrafos subseqüentes. Mas, num panorama geral, verifica-se que a localização dos povos esteve sempre condicionada à proximidade do leito de algum rio¹⁰ e de regiões florestais, que, sem dúvida, davam subsídios tanto para fixação, quanto para a sobrevivência desses povoados, além de garantir o acesso a plantas medicinais, prevendo o abastecimento das boticas e herbários, que deveriam fornecer medicamentos para o controle das freqüentes epidemias que assolavam aquelas frágeis cristandades. (FLECK, 2005).

A vegetação do Rio Grande do Sul

No Estado do Rio Grande do Sul podemos encontrar dois biomas, a Mata Atlântica¹¹ e o Pampa¹², apresentando cerca de nove regiões fitogeográficas¹³. Dentre elas, se destacam a Floresta Ombrófila Mista, a Floresta Estacional Decidual, a Floresta Estacional Semidecidual e a Estepe Gramínio-Lenhosa, além das regiões de contato entre estas formações, que formam ecossistemas totalmente distintos, com alta riqueza de espécies. (BRENNNA, 2003)

¹⁰ É inquestionável a importância dos recursos hídricos próximos as reduções. Muito além do abastecimento de água e da pesca, os rios serviam de rota de entrada e de saída – para uma determinada região –, dado o perfil impenetrável da maioria das florestas, além de servir como ponto de referência para a localização geográfica do povoado.

¹¹ O bioma Mata Atlântica ocupa uma área de 1.110.182 Km², corresponde 13,04% do território nacional, abrangendo dezessete Estados, sendo constituído, principalmente, por mata ao longo da costa litorânea que vai do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, porém nos Estados da Região Sul do país, ele avança para o interior dos territórios. A Mata Atlântica apresenta uma variedade de formações, engloba um diversificado conjunto de ecossistemas florestais com estrutura e composições florísticas bastante diferenciadas, acompanhando as características climáticas da região onde ocorre. De acordo com o CONAMA (1992), estes ecossistemas são a Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Magues e Restingas. (IBF, 2012).

¹² O bioma Pampa – termo de origem indígena, que significa “região plana” –, que também é conhecido como Campos do Sul ou Campos Sulinos, ocupa uma área de 176.496 km² correspondente cerca de 2% do território nacional, sendo constituído principalmente por vegetação campestre. No Brasil o Pampa só está presente no Estado do Rio Grande do Sul, ocupando 63% do território gaúcho e também está presente em territórios da Argentina e Uruguai.

¹³ Neste artigo, serão apresentadas e descritas as regiões fitogeográficas que abrangem os locais onde se instalaram as reduções jesuítico-guaranis, que foram identificadas a partir de mapas históricos existentes.

A região fitogeográfica denominada Floresta Estacional Decidual¹⁴ possui uma grande diversidade de espécies, compreendendo as formações florestais das porções médias e superiores do vale do Rio Uruguai, da maior parte da vertente sul da Serra Geral e de diversas áreas dispersas pelas bacias dos Rios Ijuí, Jacuí e Ibicuí.¹⁵ (BRENNNA, 2003). Para facilitar sua caracterização, estas florestas subdividem-se em quatro sub-formações, sendo que no Rio Grande do Sul, ocorram dois tipos, a Aluvial e a Submontana, às quais nos deteremos. (IBGE, 1992).

A Floresta Estacional Decidual Aluvial é quase que exclusiva do Estado, localizando-se nos terraços fluviais dos rios Jacuí, Ibicuí, Santa Maria e Uruguai. A constituição florística é preferencialmente constituída por espécies adaptadas ao ambiente úmido, tais como: açoita-cavalo, ingá, farinha-seca, tarumã e o branquilha. Já a Floresta Estacional Decidual Submontana¹⁶, tem ocorrência na vertente sul do planalto das missões, sendo a formação florestal mais dominante no Estado, nela ocorrem espécies de angicos, canafistulas, grápias, além de muitas outras espécies. (IBGE, 1992).

Alguns autores utilizam as terminologias Floresta do Alto Uruguai e Floresta da Fralda da Serra Geral para caracterizar a Floresta Estacional Decidual. De acordo com Balduino Rambo¹⁷ (1994), a Floresta do Alto Uruguai¹⁸ começa no Rio Ijuí, desenvolve-se no extremo nordeste no maior núcleo de mata fechada do Estado, conecta-se entre Passo Fundo e Lagoa Vermelha, ao longo dos afluentes do Taquari, com a mata da Fralda da Serra Geral e se reduz a um cordão marginal no Rio Pelotas.

¹⁴ O que caracteriza esse caráter estacional decidual é a queda foliar de grande parte dos indivíduos. Processo esse que ocorre durante a estação mais fria do ano, relacionada a um processo de hibernação. (BRENNNA, 2003). “Nessa área o frio, com média inferior a 15°C apresenta seca fisiológica coincidente com a seca da área tropical”. (IBGE, 1992, p. 24).

¹⁵ O mesmo autor, ao estabelecer uma relação entre a floresta decidual do Rio Grande do Sul e a floresta da bacia do Rio Paraná, destaca algumas espécies que ocorrem na bacia do Rio Paraná, mas que não ocorrem na bacia do Rio Uruguai, sendo eles a peroba-rosa (*Aspidosperma polyneuron* Müll. Arg.), jatobá (*Hymenaea stilbocarpa* Hayne) e palmito (*Euterpe edulis* Mart.).

¹⁶ Há uma periodicidade pluviométrica, porém há meses de extremo frio e outros de calor, as plantas estão adaptadas a perderem as folhas no período de frio, em um processo de hibernação.

¹⁷ Padre Jesuíta Balduino Rambo (1905 – 1961), que nasceu no interior do Rio Grande do Sul e foi um renomado pesquisador que desenvolveu diversos trabalhos, principalmente na área da botânica, caracterizando as regiões do Estado. Lecionou por muito tempo História natural no Colégio Anchieta, além de atuar também na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo – RS.

¹⁸ Segundo Rambo (1994, p. 273) na região do planalto das missões ocorre outro tipo de formação, chamado Parque de Timbó (*Ateleia glazioviana*). Essa formação começa na bacia do Ijuí, orlam a margem sul da mata uruguiaia, alcançando o seu desenvolvimento máximo nos profundos recôncavos do campo, na região de Santa Rosa. É importante ressaltar que o Timbó é a primeira fase para o reflorestamento do campo, ou seja, ele prepara o solo para colonização das espécies da mata virgem. De acordo com o mesmo autor, quase sempre a formação Parque do Timbó vem acompanhado de duas outras árvores de pequeno porte, o bugre (*Lithraea brasiliensis*) e a canela-de-veado (*Helietta apiculata*), crescendo em lugares rochosos.

Com esta descrição, fica evidenciado que esta floresta é típica da metade norte, ocorrendo, principalmente, nas regiões noroeste, norte e nordeste do Estado, interligando-se à floresta da Fralda da Serra Geral, que se localiza na região central. Ao referir-se a essa formação florestal, o pesquisador observa:

“A mata virgem na Fralda da Serra Geral começa ao oeste, cerca do Rio Itu, afluente maior do Rio Ibicuí na margem norte de lá em diante essa vegetação praticamente só reveste o declive, de pouca altura, da serra, limitando-se a sul pelas pastagens da campanha e a norte pelos campos do planalto, nos quais penetra ao longo dos rios Jaguari e Toropi” (RAMBO, 1994, p. 257)

De acordo com o mesmo autor, podemos constatar que ambas são regiões com alta riqueza de espécies, e, ainda, que muitas delas se equivalem em sua essência, porém, ocorrendo certo número de espécies típicas, dentre elas, a mais notável é a canafístula gigantesca (*Peltophorum dubium*). Também são características da região as paineiras (*Ceiba speciosa*) com seus troncos esponjosos, o guatambu (*Aspidosperma parvifolium*) de tronco reto, o alecrim (*Holocalyx balansae*), além de outras muitas espécies que integram a flora do alto Uruguai.

Nas regiões mais altas do Estado, a Floresta Ombrófila Mista¹⁹ caracteriza-se pela presença marcante do pinheiro-do-paraná²⁰ ou araucária (*Araucaria angustifolia*), que é uma espécie típica do planalto, de regiões de altitudes elevadas, entre os 500 e 1.000 metros, além de serem encontradas muitas outras espécies. Dentre as áreas de distribuição dessa floresta, é nítida sua ocorrência, em grupos isolados ou em densas aglomerações, junto aos capões²¹ do planalto, além de mesclar com a Floresta Estacional Decidual, nas regiões de Passo Fundo e Lagoa Vermelha, onde a altitude não ultrapassa os 800 metros. (LEITE & KLEIN, 1990, *apud* BRENNAN, 2003; LINDMAN, 1974; RAMBO, 1994).

Segundo Rambo (1994), essa floresta é composta por dois estratos. No andar superior emerge a araucária, já na parte inferior se encontram árvores baixas e

¹⁹ Está formação recebe este nome devido a sua ocorrência em regiões de altitudes elevadas, e de clima úmido (Ombrófilo), onde a araucária se mescla com outras espécies.

²⁰ Recebe este nome popular, por ser uma espécie típica das florestas do Estado do Paraná – Brasil.

²¹ Palavra de origem Tupi-guarani, que significa ilha de mato em meio ao campo. Estes podem ter variadas dimensões, e, relativamente, conter uma significativa diversidade de espécies. Segundo Lindman (1974), estes capões podem ter consideráveis dimensões em alguns locais, apresentando o mesmo interior das matas densas, e em outros locais, podem se constituir de pequenos fragmentos com árvores espaçadas.

arbustos, a maioria pertencente à família das mirtáceas, além de outras espécies, tais como aroeira, casca d'anta e salsaparrilha.

Grande parte do território rio-grandense está enquadrado no bioma Pampa, constituindo-se, em sua maioria, por formações campestres, que caracteriza a região fitogeográfica denominada Estepe: "Dois terços da área do Estado foram originalmente ocupados pela formação campestre, uma paisagem de estepe, isto é, formação semi-xerófila²², porém em um ambiente de clima característico por umidade alta" (BRENNNA, 2003), ou seja, mesmo em regiões úmidas, com potencial para uma formação florestal, encontramos regiões de estepe; o que pode ser atribuído a muitos fatores, um deles é a qualidade do solo destas áreas, ou ainda, as médias climáticas no inverno.

Estas formações podem vir acompanhadas de florestas de galeria²³ ou não, resultando numa subdivisão da região de Estepe Gramínio-Lenhosa. Observa-se um gradiente de riqueza e abundância de espécies, que aumenta à medida que avançamos em direção ao norte do Estado, até alcançar as formações puramente florestais, ou seja, a Floresta Estacional Decidual. Tem-se como referência o Rio Ijuí,²⁴ que demarca o limite sul da Floresta Estacional Decidual, a partir desse ponto, profundas reentrâncias de campo surgem, modificando a fisionomia da paisagem, caracterizando a Estepe Gramínio-Lenhosa, com presença de floresta de galeria, ou podendo estar, totalmente destituída de componentes arbóreos, como é o caso das regiões campestres localizadas mais ao sul, na região fisiogeográfica denominada Campanha. (RAMBO, 1956)

A Estepe Gramínio-Lenhosa com floresta de galeria se constitui de um estrato ocupado, principalmente, por espécies de gramíneas²⁵, adaptadas para viver em um

²² A designação semi-xerófila é dada as plantas com características que permitam sua sobrevivência em ambiente seco ou com períodos prolongados de falta de água. Muitas destas plantas possuem espinhos em substituição a cobertura foliar, suculência e várias outras adaptações. Porém, o bioma Pampa é caracterizado por possuir uma significativa umidade, então se atribui essa característica xerófila, ao intenso frio que limita a planta na absorção de água, processo denominado seca fisiológica. (GONÇALVES, 2011)

²³ Mata de galeria, mata ciliar, vegetação ribeirinha, vegetação ripária ou vegetação ripícola é a designação dada à vegetação que ocorre nas margens de rios e mananciais. O termo refere-se ao fato de que ela pode ser tomada como uma espécie de "cílio" que protege os cursos de água do assoreamento. Elas estão sujeitas a inundações frequentes.

²⁴ É pertinente adiantar aqui que, justamente, nesta região abordada por Rambo (1956) e que fica próxima a Rio Ijuí, se estabeleceram várias reduções jesuíticas, ou seja, fixaram-se nas bordas da Floresta Estacional Decidual, em uma zona de transição de fitofisionomias.

²⁵ São espécies vegetais não lenhosas, muito freqüentes em regiões abertas, ou seja, nos campos ou estepes.

ambiente, regido, basicamente, por duas forças naturais, o sol e o vento, muitas delas, apresentando espinhos, ou até, pilosidades nas folhas²⁶. (IBGE, 1992).

A vegetação lenhosa se distribui em locais com acidentes mais pronunciados do relevo, em locais mais protegidos do vento e de outras intempéries, estando condicionada a ambientes mais férteis, ou seja, microambientes mais favoráveis. As formações florestais que ocorrem em meio ao campo, são denominadas comumente de capões, que se constituem, basicamente, de espécies das matas mais densas, porém em número e volume mais restrito. (BRENNA, 2003). Questão já abordada por Rambo (1994), ao relatar que a diferença entre esses núcleos de matas isoladas pelo campo, das florestas mais densas do Alto Uruguai, é a ausência de grande número de espécies arbóreas secundárias, que darão um aspecto de mata fechada, como é o caso das florestas típicas da borda do planalto, e da região norte do Estado. Sendo assim, quanto mais próximo dessas regiões, mas densos e ricos se tornam os capões, sendo que muitos adquirem grandes proporções, a ponto de serem chamados de florestas. (LINDMAN, 1974):

“Num crescente sempre mais acentuado, os campos, limpos e quase sem vestígios de mato da campanha, enriquecem-se de manchas de vegetação arbórea sempre mais considerável, que já no Ijuizinho se condensam em matas virgens de considerável extensão. [...] Entre o Piratini e o Ijuí, onde os capões já revestem cerca da metade da superfície, aparecem às grandes cúpulas das canafístulas cobertas de flores amarelas, as flores dos louros, cedros, cangeranas, angicos bem desenvolvidos”. (RAMBO, 1994, p. 274).²⁷

A vegetação circundante às reduções jesuítico-guaranis:

Ao falarmos da instalação das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul, convém ressaltar alguns aspectos que podem ter definido a escolha de determinadas regiões pelos jesuítas. Além da presença de índios guaranis, o que também atraiu os padres para esta região foi a riqueza do ambiente natural, ou seja, as densas florestas ainda virgens, o sistema hidrográfico que propiciava o sucesso para a entrada das embarcações no território, e, ainda, os campos limpos para as construções e para

²⁶ Estas plantas especializadas são classificadas em duas categorias: hemiptófitas e geófitas. Hemiptófitas são plantas que possuem suas estruturas reprodutivas protegidas ao nível do solo, já as geófitas possuem seus órgãos de crescimento situados no subsolo. (GONÇALVES, 2011)

²⁷ Nesta passagem fica evidente a distribuição do gradiente de espécies no Estado, que aumenta no sentido sul-norte. Constata-se que, partindo de uma região quase que puramente campestre vão surgindo manchas, encaves, pequenas ilhas de vegetação, cada vez mais densas, até formarem as grandes florestas na região norte do Estado.

implementação de um regime agrícola. O historiador Aurélio Porto, ao abordar a entrada dos jesuítas na Província do Tape, descreve que “Dadivosa e fértil a terra, era cortada de rios que constituíam um sistema hidrográfico que a tornava apta para a agricultura e a pecuária; [...] de matarias virgens alcandorando as serras e margens dos rios.” (Porto, 1954, p. 95).

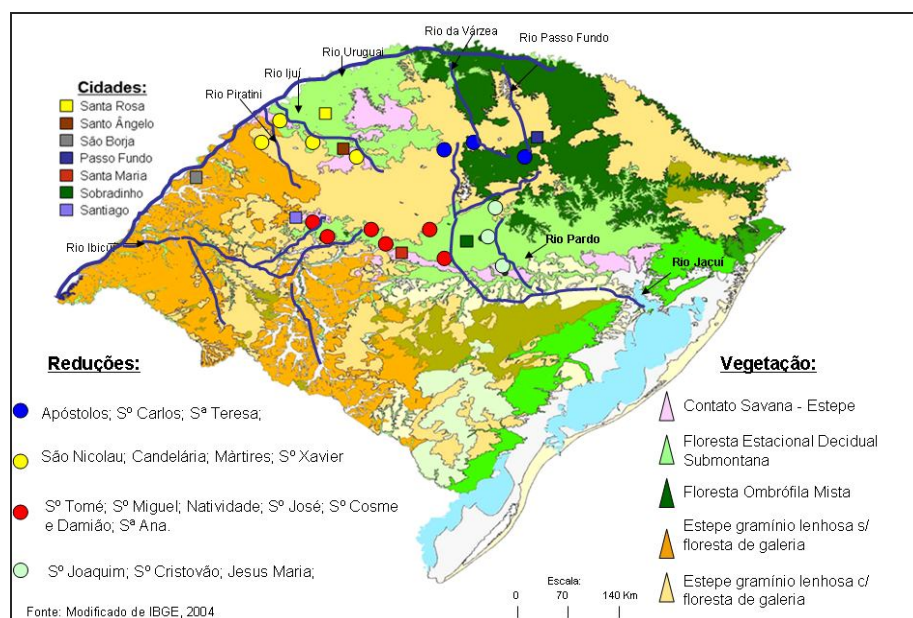


Figura 1 – Mapa de vegetação do Rio Grande do Sul, com a localização aproximada das reduções jesuítico-guaranis, fundadas até o ano de 1635

Foi na região noroeste do Estado, que se iniciou a catequização dos indígenas guaranis por alguns missionários espanhóis membros da Companhia de Jesus. “Ao longe, onde o espelho límpido do Piratini se solda as ondas pardas do Uruguai, em 3 de maio de 1626, Roque Gonzáles²⁸ chantou no úbere solo da terra rio-grandense o mais feraz dos lenhos, a Cruz de Cristo.” (RAMBO, 1994, p. 322)

Diante do exposto, observamos que a penetração no território rio-grandense se deu pelo Rio Uruguai, que demarca a fronteira oeste do Estado com a República da Argentina²⁹, na altura do Rio Piratini. O resultado foi a fundação da primeira redução

²⁸ O jesuíta P. Roque Gonzáles de Santa Cruz foi um renomado missionário, que nasceu em Assunção, no Paraguai, e se destacou por ter fundado diversas reduções jesuíticas, muitas delas no Estado. Segundo Rambo (1956), ele foi o primeiro catequizador dos índios rio-grandenses.

²⁹ A propósito, no atual território da Argentina se fixaram uma série de reduções – até 1631, foram sete (MAEDER, 1995) –, a maioria delas, na Província de Misiones, que se localiza entre os grandes rios Paraná e Uruguai, em regiões de florestas densas, denominadas “*Selva Misioneira*”. Devido aos constantes ataques que sofriam estes povoados, o Rio Uruguai era utilizado como uma espécie de “trincheira”, pois as reduções eram constantemente trasladadas de uma margem a outra.

jesuítica da região oriental do Uruguai³⁰, mais precisamente, fundada em um pequeno braço do Rio Piratini, há uma amena altura, que pudesse proporcionar segurança aos povos indígenas, especialmente, contra possíveis inundações. (GAY, 1942). Esse marco está expresso na passagem seguinte:

“Foi nos últimos dias do mês de abril ou em princípios do mês de maio de 1626 que, contando com a boa disposição dos tapes que **demoravam sobre a margem esquerda do Uruguai**, conseguiu o bem-aventurado padre transpor o grande rio e lançar bases de São Nicolau, a primeira redução do Rio Grande do Sul, em três de Maio de 1626.” ³¹ (PORTO, 1954, p. 78). (grifos nossos).

Próximo desta mesma região, afastando-se do Rio Uruguai e às margens do Rio Ijuí, em 1627, foi fundada a redução de Nossa Senhora da Candelária³², que não ficava muito distante da atual cidade de Santa Rosa. No ano seguinte, se consolidou o povoado de Mártires de Caaró, próximo a Santo Ângelo, atual cidade do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo Porto (1954), o povoado de Mártires distava seis léguas de Candelária, em uma região de campo rodeado por mato e pequenas aldeias³³.

Esse núcleo de reduções situadas na região noroeste, principalmente, no entorno dos rios Piratini e Ijuí, estavam sobre forte influência da vegetação de campo, pois, nesta região, a formação predominante é a campestre, com largas matas de galeria, que permeiam os rios³⁴, além da típica fitofisionomia, marcada pela constante presença das ilhas de vegetação lenhosa em meio ao campo, composta por espécies típicas da Floresta Estacional Decidua, mais precisamente a Floresta do Alto Uruguai, que está muito próxima destas regiões.

É importante mencionar, que quanto mais ao norte, mais significativa e densa se torna a vegetação lenhosa, até alcançar a floresta mais densa, que caracteriza a região do norte do Estado. (RAMBO, 1994). Portanto, estas reduções

³⁰ O termo Missões Orientais do Uruguai é utilizado por Aurélio Porto (1954), em sua obra que tem esta expressão como título. Antes deles, historiadores e viajantes utilizavam o Rio Uruguai como referência, tanto para demarcar o território naquela época, quanto para se localizar, já que no século XVII, os limites territoriais do Rio Grande do Sul, não estão estabelecidos.

³¹ Nessa passagem, Aurélio Porto aborda indiretamente a cultura nômade, ou melhor, semi-sedentária dos indígenas, destacando que a fundação de São Nicolau foi finalmente possível, pois os índios se detiveram por um período de tempo maior naquela região, fazendo com que os padres conseguissem reuni-los.

³² É importante distinguir que no mesmo ano de fundação deste povoado, o padre Roque Gonzáles fundou, nas margens do rio Ibicuí, uma redução de mesmo nome, que teve, porém, uma vida efêmera, pois foi logo destruída, e, desse modo, não foi considerada neste trabalho.

³³ Certamente, o historiador Aurélio Porto estava se referindo aqui aos capões de mato, bem típicos da região onde se situava Mártires de Caaró, muito próxima da atual cidade de São Miguel.

³⁴ O nome mais próprio para este tipo de vegetação é Estepe Gramíneo-Lenhosa com floresta de galeria. (IBGE, 1992)

estavam muito próximas da densa floresta decídua, que, sem dúvida, foi fonte de muitos recursos para subsistência, já que nas regiões campestres, estes eram relativamente mais escassos, fazendo com que os povos buscassem-nos nas regiões florestais.

Porém, as regiões com vegetação campestre também possuem suas particularidades, as quais devem ter, sem dúvida, atraído a atenção das populações indígenas e dos padres, já que algumas reduções nelas se estabeleceram. Para a pecuária e para a agricultura, por exemplo, as regiões mais propícias seriam aquelas desprovidas de componentes arbóreos significativos, dispensando, assim, os esforços no desmatamento de uma região florestal. Além disso, deve-se considerar o expressivo e variado número de plantas herbáceas e arbustivas que se desenvolvem nestas regiões, e que eram utilizadas tanto na culinária, quanto como medicamentos, alguns deles referidos nos receituários e nos tratados de medicina elaborados por jesuítas, por suas propriedades curativas.

Em um levantamento que realizamos sobre as plantas referidas pelo Irmão Pedro de Montenegro (em obra de 1710) e que, portanto, eram utilizadas nas reduções jesuítico-guaranis, constatou-se que, em sua maioria, eram nativas das regiões em que os povoados estavam localizados, sendo de hábito herbáceo e/ou arbustivo, como é o caso das plantas conhecidas popularmente como tanchagem (*Plantago* sp.) e carqueja (*Baccharis trimerá*). Estas duas plantas foram indicadas para problemas intestinais e estomacais pelos padres jesuítas, e continuam sendo utilizadas na atualidade por populações tradicionais. Suas virtudes, aliás, se encontram em processo de validação (BUDEL, 2005), atestando, assim, a importância, não só das florestas, mas também das zonas campestres.

Na região centro-oeste do Estado, ao longo dos braços do Rio Ibicuí, próximo das atuais cidades de Santa Maria e Santiago, se estabeleceu, na primeira metade do século XVII, um segundo núcleo de reduções, dentre elas, estavam os povos de São Tomé, São José, São Cosme e Damião, São Miguel e Natividade. O Rio Ibicuí serviu, muitas vezes, como porta de acesso para esse núcleo de reduções estabelecidas nessa região da Depressão Central³⁵. (RAMBO, 1956)

³⁵ Nos manuscritos redigidos pelo jesuíta Roque Gonçalves (ou Gonzáles) é recorrente a menção ao Rio Ibicuí, como sendo rota de acesso para as reduções estabelecidas na região central do Estado, nas proximidades deste rio, bem como de seus afluentes.

O povo de São Tomé, fundado nas margens do Rio Jaguari, afluente norte do Rio Ibicuí, no ano de 1632, foi a primeira redução da Província do Tape³⁶. Seguida pela fundação de São Miguel e São José, situados na margem direita do Rio Ibicuí, atualmente denominado de Ibicuí-mirim. Dois anos mais tarde, em um afluente do mesmo rio, foi fundada a redução de Cosme e Damião. (PORTO, 1954). O povo de Natividade situava-se em uma região de floresta densa, a seu leste o Rio Jacuí e ao oeste o Rio Ibicuí-mirim, porém, não foi possível obter a informação sobre o ano de fundação deste povoado.

As regiões fitogeográficas que abarcam este núcleo são as mesmas do quadrante noroeste, ou seja, as fisionomias são próprias da Estepe Gramíneo-Lenhosa com floresta de galeria e da Floresta Estacional Decidual, porém, diferem entre si no contingente de espécies, devido a fatores ambientais atuantes, que tornam necessária a distinção, de forma que a região florestal é denominada como floresta da Fralda da Serra Geral³⁷.

Ao observarmos a distribuição destas reduções, constatamos que elas se estabeleceram permeando, ou até, adentrando a vegetação da Fralda da Serra Geral, o que parece fornecer indícios que reforçam a importância das florestas para a sobrevivência dos povoados missioneiros. Entretanto, não podemos deixar de reiterar a importância das regiões campestres, já que as zonas de contato entre duas formações contrastantes eram as preferidas pelos missionários jesuítas: “Ali, nesses campos marchetados de capões, viajaram, a pé e a cavalo, os Roque Gonzáles, os Montoyas, os Romeros.” (RAMBO, 1994, p. 323).

As florestas que estavam próximas aos povoados, além de fornecerem alimentos, eram riquíssimas fontes de fármacos. Diversos estudos de etnobotânica e etnofarmacologia revelam que os povos tradicionais, como é o caso das populações indígenas que se concentraram nas reduções, extraíam – e ainda extraem – da natureza, os medicamentos para mitigar ou curar as doenças. Em um estudo anterior que desenvolvemos, pudemos constatar que várias das plantas utilizadas eram

³⁶ A palavra Tape significa povoações grandes, em função do grande número de pessoas que por ali viviam. A província do Tape abarca a região do Rio Grande do Sul mais afastada do Rio Uruguai, nas bacias dos Rios Ibicuí e Jacuí.

³⁷ O IBGE classifica essas duas florestas – Floresta do Alto Uruguai e Floresta da Fralda da Serra Geral, termos utilizados por Rambo (1994) – como Floresta Estacional Decidual, sem fazer muitas distinções, porém neste trabalho é de extrema importância distinguir essas duas vegetações, mesmo que pertençam a mesma região fitogeográfica.

espécies que se desenvolviam nas bordas das florestas, justamente o tipo de ambiente no qual as reduções se instalaram.

Uma planta trepadeira vigorosa nativa, que ocorre nas bordas de matas e possui uma infinidade de espécies, como por exemplo, *Passiflora edulis* e *Passiflora incarnata*³⁸, é o maracujá. Ele foi largamente utilizado pelos indígenas guaranis para o tratamento de várias enfermidades, sendo que o próprio nome da planta tem origem na língua tupi-guarani, e significa “planta em forma de cuia”. (CASTRO, 1998). Dentre as virtudes atribuídas, principalmente ao fruto, estava o combate à infecção urinária, do cálculo renal, da febre e da diarreia, sendo também indicado no tratamento de infecções externas, revelando o potencial vulnerário³⁹. Já o chá ou a maceração de suas folhas e raízes podia ser usado no tratamento de feridas ou como calmante.

Evidentemente, os indígenas e padres não se limitavam a percorrer as áreas próximas da redução, também adentravam as florestas em busca de alimentos e de plantas medicinais, havendo registros também da intensa circulação de produtos, inclusive de medicamentos, entre os povoados. O angico (*Parapiptadenia rigida*) e a cangerana (*Cabralea cangerana*), são exemplos de plantas arbóreas de grande porte, que ocorrem nestas florestas, tendo sido utilizadas pelos indígenas guaranis que atribuíam a elas diversas propriedades, tais como abortivas, antitérmicas, eméticas, adstringentes, antiséptica, antidiarreica e expectorante. (MENTZ, 1997; NOELLI, 1998).

Avançando em direção ao centro do Estado e, a partir desse ponto em direção ao norte, adentrando a bacia do Rio Jacuí, se estabeleceram outras reduções, que penetraram sutilmente na Floresta da Fralda da Serra Geral, afastando-se das zonas de estepe que ainda podem ser encontradas em pequenas reentrâncias em meio à floresta. Convém dizer que estavam muito próximas à outra formação florestal, a Floresta Ombrófila Mista. Os povos de Santa Ana⁴⁰, São Cristovão, Jesus Maria e São Joaquim se localizavam na parte média e baixa do Rio Jacuí.

³⁸ Sabe-se que o uso de *Passiflora incarnata* na medicina tradicional data da época da colonização da América pelos espanhóis, que aprenderam com os aborígenes as propriedades desta planta e a levaram para a Europa. (MATOS, 2008).

³⁹ Potencial vulnerário se refere as substâncias que possuem propriedades para curar feridas. (BRUNNER & SUDDARTH, 2002)

⁴⁰ A redução de Santa Ana, no mapa que produzimos (figura 1), se encontra junto ao núcleo de reduções da bacia do Rio Ibicuí, porém, neste trabalho, optamos por apresentá-la junto às reduções da bacia do Rio Jacuí, por estar mais relacionada com esta região.

A Missão de Santa Ana era a fundação mais a oeste; já o povoado de São Cristovão que foi o último a ser fundado, se localizava às margens do Rio Pardo e próximo a cidade de Sobradinho, e, mais ao sul, se localizava a redução de Jesus Maria. Também nas proximidades do Rio Pardo, consolidou-se São Joaquim, situada em um fragmento de estepe, muito próxima da floresta com araucária, que contava também com a presença dos ervais nativos⁴¹. Os índios guaranis já conheciam as virtudes medicinais desta planta muito antes do período das Missões. Os jesuítas passaram a utilizar a planta para diversos fins terapêuticos, que ainda se mantêm entre as populações tradicionais. (PORTO, 1954, MATOS, 2008).

As reduções de Apóstolos, São Carlos e Santa Teresa se localizavam na parte superior da bacia do Rio Jacuí, em área próxima das atuais cidades de Passo Fundo, Carazinho, Lagoa Vermelha. Nessa região ocorrem, principalmente, dois tipos de formações que disputam constantemente o espaço. Podemos comparar esta região com a região noroeste, mas, neste caso, a Floresta Estacional Decidual é substituída pela floresta ombrofila mista, – denominada por Rambo (1994) como pinheiral –, impondo limites à Estepe Gramíneo-Lenhosa.

Este último núcleo de reduções estava mais próximo das áreas de ocorrência da araucária e da erva-mate, porém, sabe-se que várias outras reduções também cultivavam vastos ervais, em função de estarem distantes das regiões fitogeográficas de ocorrência natural dessa planta,

“A colheita, a 500 ou 800 km de distância, além de muito ingrata e dispendiosa, quebrava a resistência do índio, não acostumado ao serviço pesado, e exigia bastante moderação no consumo. Impunhasse, por isso, a cultura dos ervais artificiais.” (BRUXEL, 1987, p. 84).

Portanto, se supõe que eles possam ter buscado nestas regiões mais altas do estado as sementes ou mudas para a implementação desse cultivo, minimizando os esforços para a busca destas folhas. Isso se aplica também para muitas outras plantas que começaram a ser cultivadas, tais como a mandioca, o milho, o urucum, a batata doce, entre outras. Para muitos botânicos, uma série de plantas exóticas introduzidas no Estado devem ter sido trazidas pelos jesuítas e por índios de outras regiões, implicando numa intensa modificação da paisagem. (HUECK, 1972)

⁴¹ Entende-se por ervais nativos, as regiões de ocorrência natural da espécie arbórea *Ilex paraguariensis* A. St. –Hil., que é a planta popularmente conhecida como erva-mate, utilizada em larga escala pelos índios guaranis, e, ainda, muito utilizada na forma de infusão, na Região Sul do Brasil, fazendo parte da cultura dessa população.

Desse modo, as reduções de Apóstolos, São Carlos e Santa Tereza estavam assentadas em regiões privilegiadas, facilitando o acesso à erva mate que, além de ser empregada como medicamento, também era utilizada como moeda de troca, movimentando a economia da redução, o que, aliás, foi ressaltado por Montoya que, ao abordar a existência de ervais próximos das reduções, afirmou:

“Encontra-se esse povo fundado num campo pequeno, rodeado de montes quase incontáveis, cobertos de árvores silvestre, em que há manchas de duas a três e mais léguas de comprimento e largura, a partir das árvores, das quais se faz a erva chamada do Paraguai. Apresentam-se a elas muito altas, frondosas e grossas, sendo a folha um tanto densa, e seu formato o da língua.” (Montoya, 1997, p. 42).

A redução de Apóstolos fixou-se na altura do Rio Jacuí; já o povoado de São Carlos lançou suas bases nas margens do Rio da Várzea. O último povoado a ser fundado nesta região, em 1632, foi Santa Teresa, que se localizou junto ao Rio Passo Fundo, tendo sido reconhecida por suas extensas florestas de araucária e de erva mate. Porém, o aporte de plantas úteis na Floresta Ombrófila Mista, vai muito além da erva-mate e da araucária. Muitas outras espécies vegetais eram utilizadas nesta região nos séculos XVII e XVIII, com destaque para as plantas da família das mirtáceas, tais como a pitanga (*Eugênia uniflora*), o guabiju (*Myrcianthes pungens*) e a guabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*). (MATOS, 2008; MONTENEGRO, 1710; SANTAMARÍA, 2003)

Considerações Finais

Ao analisarmos os núcleos de ocupação das reduções no Estado, levando-se em conta a vegetação e as espécies da flora (Figura 1), evidencia-se que abrangiam uma diversidade de ambientes naturais, variando de regiões florestais densas, matas de galerias e florestas de altitude a regiões com escassa vegetação arbórea, ou seja, campos e estepes. Evidentemente, esta diversidade fisionômica da paisagem é fruto de diversas pressões naturais, ou seja, resultante de fatores climáticos e edáficos⁴² atuantes nestes ambientes, que não apenas moldavam o meio natural, como também exerciam influência sobre as reduções jesuíticas estabelecidas em suas imediações. O

⁴² Os fatores climáticos e edáficos são fatores ambientais que compõem o meio. Os fatores climáticos são referentes às condições do clima ou microclima da região, já os fatores edáficos estão relacionados ao solo, à composição química, ao tipo de minério, entre outras características.

regime de chuvas é um fator de extrema importância para definir o tipo de vegetação do local, além de outras variáveis naturais como o solo, a altitude, o padrão de insolação e o potencial eólico⁴³. (RIZZINI, 1997).

Em síntese, todas as reduções, exceto os povos de Apóstolos Pedro e Paulo, São Carlos, Santa Teresa e São Joaquim, estavam em regiões florestais, caracterizadas pela Floresta Estacional Decidual, e muito próximas à outra região denominada Estepe Gramíneo-Lenhosa com floresta de galeria⁴⁴, e, também, em áreas de transição entre duas formações, ou seja, no Contato Savana-Estepe⁴⁵. Essa localização em zonas limítrofes, entre uma formação florestal e uma de campo, pode ser interpretada como estratégia empregada pelos missionários para garantir o êxito das reduções. A população concentrada nestes povoados poderia continuar desfrutando dos recursos que essas duas unidades de vegetação poderiam oferecer, tendo à disposição uma região mais aberta – de campo – para a construção das reduções, para o desenvolvimento da agricultura e pecuária, e, também, com uma floresta que pudesse fornecer matéria-prima para a construção, alimentos e plantas medicinais para o abastecimento das boticas.

Mesmo que algumas reduções estivessem distantes de regiões fitogeográficas florestais, isso não nos permite afirmar que sua população não tivesse qualquer acesso a elas. Um exemplo é a redução de São Francisco Xavier⁴⁶ que, de acordo com o mapa (figura 1), encontra-se na região fitogeográfica Estepe Gramíneo-Lenhosa, estando, porém, muito próxima do Rio Piratini, que conta com larga floresta de galeria, que, certamente, supria esta redução em termos de plantas medicinais, alimentos, madeira, entre outros.

⁴³ Estes fatores ambientais eram importantes também para o estabelecimento das reduções, estando os povos sempre influenciados por eles. Ora, muitos cronistas e historiadores da época abordam a questão da influência exercida pelo vento, Porto (1954), informa que a redução de São Carlos fundada em 1631, teve de ser trasladada devido às condições ambientais adversas do local, com ventos constantes e frio intenso.

⁴⁴ Vale ressaltar que, por mais que algumas reduções estejam em domínios campestres, elas dispunham das florestas de galeria que margeavam os rios, já que muitos povos, se não todos, estavam junto ao leito dos caudalosos rios.

⁴⁵ O Contato Savana-Estepe é uma região limítrofe entre duas formações florestais. Essas regiões, também chamadas de ecótonos(misturas), são regiões indiferenciadas, onde a flora de regiões se interpenetram. (BRENNA, 2003).

⁴⁶ A redução de São Francisco Xavier, fundada a leste do rio Uruguai, está localizada no mapa (figura 1), próximo ao Rio Piratini, na região de estepe, porém, sua localização é incerta, devido a uma série de traslados. Essa redução migrou para o lado ocidental do Uruguai e lá foi fundada em 1629. (MAEDER, 1995).

De maneira geral, observa-se que o uso das plantas medicinais de regiões próximas dos povoados era uma prática corrente entre eles, já que a maioria das plantas referidas pelos padres é nativa das regiões fitogeográficas nos quais eles estiveram instalados. Isto pode estar relacionado ao fato de serem largamente conhecidas e de estarem disponíveis, não sendo necessário empreender longas viagens para obtê-las em outras regiões. Devido aos traslados a que a reduções forma submetidas, os povos tiveram de se adaptar constantemente ao novo ambiente, buscando outras plantas, em substituição àquelas que não ocorriam naquela região. Essa questão reforça a constante pressão, que os povos eram submetidos, no que diz respeito ao desenvolvimento de novos fármacos, em função das constantes epidemias, guerras e perseguições que os acometeram. (NOELLI, 1998)

É pertinente, contudo, considerar que, para muitos jesuítas, as florestas densas, também foram percebidas como obstáculos naturais, e tidas, muitas vezes, como impenetráveis, sendo sinônimo de perigo, devido a sua constituição arbórea e aos animais desconhecidos – referidos como feras pelos jesuítas em suas cartas – que habitavam estas regiões. Vale lembrar que as condições de acesso a muitas das regiões que descrevemos também eram muito precárias, tendo, inclusive, custado a vida de muitos missionários, levando-os a apenas margear estas regiões. Isto parece explicar porque o território das missões, praticamente, se limitava aos campos com florestas de galerias nas margens dos rios e capões de mato, entremeando o campo, que é a vegetação típica de grande parte do Estado (RAMBO, 1956).

“[...] nas coxilhas que formam o divisor de águas entre o Piratini e o Ijuí, onde o mato fechado e o campo gramináceo se mantêm em distribuição equilibrada, está a região mais bela desta parte do planalto: bela na harmonia de suas formas, **sagrada por suas tradições históricas.**” (RAMBO, 1994, p. 322). (grifos nossos).

Ao concluirmos este artigo, ressaltamos que, com base no estudo que realizamos, a região abarcada pelo atual estado do Rio Grande do Sul parece ter sido, efetivamente, uma área propícia, por sua caracterização fitogeográfica, para o assentamento e para a consolidação das reduções jesuíticas, em função, sobretudo, dos recursos naturais à disposição das populações nativas e daquelas que vieram se instalar nos povoados missioneiros.

Referências Bibliográficas

BRENA, Doádi A. *et al.* **Inventário florestal contínuo do Rio Grande do Sul.** Santa Maria. 2003. Disponível em: < <http://coralx.ufsm.br/ifcrs/index.php>>. Acesso em: 19 set. 2010.

BRUNNER & SUDDARTH, **Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgico.** 9 ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 2002.

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos guaranis.** 2 ed. Porto Alegre, RS: Nova Dimensão, 1987.

BUDEL, J. M. *et al.* O progresso da pesquisa sobre o gênero *Baccharis*, Asteraceae. **Revista Brasileira de Farmacognosia.** v.15, n.3, p.268-271 jul./set., 2005

CASTRO, Paulo R. C. **Ecofisiologia de fruteiras tropicais.** 1 ed. São Paulo, SP: Nobel, 1998.

FLECK, Eliane C. D. Sobre feitiços e ritos: enfermidades e curas nas reduções jesuítico-guaranis (século 17). **Varia Historia.** Minas Gerais, n. 33, jan, 2005. Disponível em: < <http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/33p163.pdf> >. Acesso em: 03 mai 2011.

GAY, João Pedro. **História da República Jesuítica do Paraguai.** 2.ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

GONÇALVES, Eduardo G.; LORENZI, Harri. **Morfologia vegetal:** organografia e dicionário ilustrado de plantas vasculares. 2 ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2011

HUECK, Kurt. **As florestas da América do Sul:** ecologia, composição e importância econômica. 1 ed. São Paulo: Polígono, Universidade de Brasília, 1972.

IBF, Instituto Brasileiro de Florestas. **Bioma Mata Atlântica.** 2012. Disponível em: <http://www.ibflorestas.org.br/>. Acesso em: 12 mai. 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira.** 1.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

LINDMAN, C. A. M. *et al.* **A vegetação no Rio Grande do Sul.** São Paulo: USP, 1974.

MAEDER, Ernesto J. A. & GUTIERREZ, Ramon. **Atlas del nordeste argentino.** Resistência: Instituto de investigaciones geohistóricas – Universidad Nacional del Nordeste, 1995.

MATOS, F. J. Abreu; LORENZI, Harri. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** 2 ed. Nova Odessa, SP: Instituto plantarum, 2008.

MELIÁ, Bartolomeu. **El guarani: experiência religiosa.** Asunción: Ceaduc, 1991.

MENTZ, L. A. et al. Da flora medicinal do Rio Grande do Sul: notas sobre a obra de D'Ávila (1910). **Caderno de Farmácia**, v.13, n.1, p. 25-48, 1997.

MONTENEGRO, Pedro, S. J. **Matéria médica missioneira**, 1710. Disponível em: http://www.bvp.org.py/biblio_htm/montenegro/indice.htm. Acesso em: 09 abr 2011.

MONTOYA, Antônio Ruiz de. **Conquista espiritual**: feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997

NOELLI, Francisco Silva. Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia guarani através de informações históricas. **Revista Diálogos DHIVUEM**, n. 2, p. 177-199, 1998.

OLIVEIRA, Diogo de. **Etnobotânica e territorialidade guarani na terra indígena M'biguaçu/SC**. 2009. 182 f. Monografia (Bacharel em Ciências Biológicas) – Centro de ciências biológicas. Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2009

PORTO, Aurélio. **História das missões orientais do Uruguai**: primeira parte. 2.ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954.

RAMBO, S. J. B. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**: Ensino de monografia natural. 2 ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1956

RAMBO, S. J. B. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**: Ensino de monografia natural. 3 ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1994.

RIZZINI, Carlos Toledo. **Tratado de fitogeografia do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições Ltda, 1997.

SANTAMARÍA, Daniel J. **Archivo de plantas medicinales de zonas aborígenes y campesinas de sudamerica**. 1 ed. Jujuy: Centro de Estudios Indígenas y Coloniales, 2003.

SUDESUL, Ministério do Interior. **Vegetação atual da região sul**. 1 ed. Porto Alegre, 1978

Recebido em Agosto de 2012
Aprovado em Outubro de 2012